



Boletim do Museu Paraense Emílio

Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi

Brasil

Facó Soares, Marília

Língua/linguagem e tradução cultural: algumas considerações a partir do universo Ticuna

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 3, núm. 1, enero-abril,

2008, pp. 51-63

Museu Paraense Emílio Goeldi

Belém, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394034983005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Língua/linguagem e tradução cultural: algumas considerações a partir do universo Ticuna

Language and cultural translation: some thoughts from the point of view of Ticuna universe

Marília Facó Soares¹

Resumo: Este artigo segue os desenvolvimentos formais recentes da gramática de cunho chomskyano, que leva em conta os sistemas cognitivos com os quais a linguagem faz interface. Situado no universo Ticuna e na sua expressão por meio da língua Ticuna, tem por objetivo mostrar que alguns domínios da gramática podem se articular com o conhecimento enciclopédico pensado como conhecimento extralingüístico. Aponta para novas perspectivas de estudo entre cultura e língua e relaciona a análise ao campo da produção de sentido. À guisa de conclusão, sugere que o estudo de significados especiais possuídos por determinadas expressões lingüísticas são um bom caminho para entender ou buscar entender questões de tradução/interpretação.

Palavras-chave: Tradução cultural. Antropologia. Lingüística. Gramática. Núcleos funcionais. Aspecto.

Abstract: This article follows the current formal developments of chomskyan grammar which takes into consideration the cognitive systems with which language interfaces. Based on Ticuna universe and on its expression through Ticuna language, it aims to show that some grammar domains can interface with encyclopedia knowledge, viewed as extra-linguistic knowledge. It shows new horizons to the study of the relation between culture and language and it relates the analysis to the field of sense production. In its way to conclusion, it suggests that the study of special meanings related to specific linguistic expressions is a good way to understand or try to understand the issues related to translation and interpretation.

Keywords: Cultural translation. Anthropology. Linguistics. Grammar. Functional heads. Aspect.

¹ Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Antropologia. Setor de Lingüística, Rio de Janeiro, Brasil (marilia@acd.ufrj.br).



INTRODUÇÃO

Considerando-se que a antropologia deve estabelecer mediações entre diferentes formas de entendimento, no sentido de possibilitar uma tradução cultural não etnocêntrica, objetivamos, neste trabalho, focalizar questões de língua/linguagem e sua articulação com problemas relacionados à tradução cultural em Antropologia. Para tanto, situamo-nos no universo Ticuna e na sua expressão por meio da língua Ticuna, língua tonal que, considerada como isolada e portadora de complexidades do ponto de vista lingüístico (complexidades fonológicas e sintáticas), é falada por uma grande população que vive na região amazônica e se distribui por três países: Brasil, Peru e Colômbia. Segundo estimativas relativamente recentes, os Ticuna somam cerca de 35 mil indígenas, sendo que mais de 25 mil vivem no Brasil, onde - distribuídos em 118 aldeias localizadas em 15 unidades territoriais – constituem o maior grupo indígena desse país.

O presente trabalho tem como objetivo principal mostrar como, no âmbito do lingüístico, determinados domínios locais (domínios da gramática) podem ser articulados a um conhecimento “enciclopédico” – em si um conhecimento extralingüístico nativo que relaciona itens vocabulares (por vezes, no contexto de outros itens vocabulares) a significados e, em última análise, a questões de tradução/interpretação não-etcnocêntrica. Esse objetivo é parte de uma meta maior, qual seja: discutir, a partir do que é considerado campo de produção de sentido, como podem ser estabelecidas, de forma multilinear, correspondências entre sentidos, formas e sons; e refletir como tais correspondências repercutem sobre a tradução cultural. Por questões de espaço, a meta maior não é parte do presente artigo. Vale registrar, no entanto, que o objetivo deste artigo foi alcançado com a participação fundamental dos próprios Ticuna, participação essa que: (i) implica a existência de novos objetos face à presença ativa de novos agentes/sujeitos na investigação conduzida; (ii) sustenta a análise dos significados implícitos às práticas sociais.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA: ASPECTO E TEMPO NA SINTAXE DA LÍNGUA TICUNA

Desenvolvimentos teóricos recentes na Lingüística formal – especificamente aqueles de base chomskyana – (Chomsky, 2001; 2000; 1998; 1995; 1993; 1992) – vêm apontando para a importância de se levar em conta os sistemas cognitivos com os quais a linguagem faz interface. E, entre esses sistemas, encontram-se formas de entendimento específicas presentes em cada cultura (Peixoto, 2007, p. 30). Os mesmos desenvolvimentos focalizam, cada vez mais, o que tal linha de análise lingüística chama de categorias funcionais – isto é, categorias não lexicais que alojam traços propriamente gramaticais¹. No caso da língua Ticuna, o estudo dessas categorias evidencia casos de independência entre o Aspecto e o Tempo, que podem ser categorias funcionais diferentes. Esse mesmo tipo de estudo sustenta que há uma categoria funcional cujas propriedades formais permitem checar os traços de caso² do objeto. Essa categoria é conhecida como *pequeno verbo* (ou *v-zinho*)³ e se apresenta também como um núcleo com conteúdo semântico, dando, por exemplo, ao evento descrito pelo

¹ O contexto teórico mencionado e a definição fornecida de categoria funcional impedem que o termo *funcional* seja aqui associado ao Funcionalismo em Lingüística. Aliás, qualquer associação nesse sentido seria indevida.

² *Traços de caso* regulam a distribuição sintática de sintagmas nominais e não estão relacionados a qualquer semântica especial. Por exemplo, em uma língua do tipo nominativo-acusativo, o traço de caso relacionado ao sintagma nominal objeto é o acusativo; e em uma língua do tipo ergativo-absolutivo, o traço de caso do objeto é o absolutivo (ver a propósito Adger (2003)).

³ Essa categoria é representada por um *v* em uma configuração hierárquica. E aparece inicialmente na teoria como um núcleo funcional transitivo que não só introduz um argumento externo (sujeito), mas é também responsável pela checagem do caso estrutural relativo ao argumento interno (objeto). A codificação da causalidade também faz parte da história da categoria *pequeno verbo* ou *v-zinho*. Com relação à noção de argumento, essa diz respeito aos participantes minimamente envolvidos na ação ou estado que o predicado expressa (cf. Haegeman, 1994, p. 44). Um trabalho exemplificador, em língua portuguesa, de análise que leva em consideração a categoria *pequeno verbo* ou *v-zinho* é Lemle (2002), voltado para o tratamento de sufixos verbais do português.



verbo uma interpretação ativa, agentiva ou durativa – fato teoricamente previsto e exemplificado, para outras línguas, por Kratzer (1996) e Borer (1998). Na sintaxe da língua Ticuna, exemplos da existência de conteúdo semântico na categoria funcional *pequeno verbo* foram encontrados ao tentarmos determinar o conteúdo do núcleo do sintagma aspectual e do núcleo do sintagma do *pequeno verbo* (o núcleo *v-zinho*). Na seção 2.1, passamos a esses exemplos, discriminando entre noções aspectuais localizáveis no âmbito da categoria funcional *pequeno verbo* e aquelas vinculáveis a uma projeção⁴ aspectual propriamente dita em Ticuna. E na seção 2.2 focalizamos o Tempo nessa língua.

Noções aspectuais e suas possibilidades de tratamento no âmbito da categoria funcional *pequeno verbo* (ou *v-zinho*) e da projeção Aspecto

Algumas exigências teóricas são colocadas para que morfemas aspectuais possam ser considerados como *pequeno verbo*. Uma delas é a de que o morfema aspectual deve possuir um traço categorial verbalizante, isto é: para ser considerado um *pequeno verbo*, o morfema aspectual deverá ser capaz de fazer com que a base morfológica à qual se agrega – e que não está categorizada como verbal – passe à condição de verbo. A outra exigência é a de que, como *pequeno verbo*, o morfema aspectual deve impor a presença de um argumento em seu especificador⁵. Vale observar (e mesmo relembrar) que propriedades semânticas do *pequeno verbo* podem ser dissociadas de sua propriedade de transitividade – o que significa que verbos intransitivos são passíveis de apresentar sufixos aspectuais que venham a se caracterizar como um *pequeno verbo*. E ainda que as alternativas de conteúdo semântico para o *pequeno verbo* incluem a *agentividade*, a *causação* ou um *conteúdo aspectual*, tal como um processo, dando ao evento uma interpretação durativa (cf. Arad, 1999, p. 2-12). Além disso, se em uma dada língua existirem nomes e verbos com a estrutura morfológica (raiz + sufixo aspectual) e efeito semântico regular do sufixo, não se poderá atribuir ao sufixo aspectual a propriedade de verbalizador. Nesse caso, a estrutura (raiz + sufixo aspectual) poderá ser considerada como *acategorial*, tornando-se um verbo ou um nome a partir da junção de um morfema funcional *pequeno verbo* ou *pequeno nome* fonologicamente nulos.

Com tais exigências e observações em mente, passemos a noções aspectuais que, no verbo Ticuna, se materializam como sufixos e verifiquemos suas possibilidades ou não de tratamento no âmbito da projeção do *pequeno verbo* ou *v-zinho*. E examinemos também a possibilidade da existência, na sintaxe Ticuna, da projeção aspecto.

Noções aspectuais como parte de uma estrutura acategorial

Em Ticuna, os sufixos aspectuais *-ãtchi* 'duração curta, limitada' e *-cüü* 'ação repetitiva e rápida' têm como sua característica poderem ou não ocorrer em uma estrutura verbal. Logo, não devem ser considerados como possuindo um traço categorial verbalizante, sendo, na realidade, parte de uma estrutura acategorial. Dados obtidos por nós em situação de interação de falantes Ticuna durante atividade de estudo de sua língua sustentam essa afirmação, que pode, assim, ser tida como descrevendo adequadamente o conhecimento lingüístico dos falantes⁶. Nesses dados,

⁴ Sintaticamente, tem-se uma projeção quando traços de um nóculo filho se projetam para um nóculo mãe em um objeto sintático. No caso em questão, isso significa lidar com a possibilidade da existência, em Ticuna, de um núcleo funcional de aspecto cujos traços se projetarão sobre um sintagma aspectual (um objeto sintático maior marcado pelas características de seu núcleo).

⁵ No interior de uma projeção, o especificador é hierarquicamente mais alto do que o núcleo e, dependendo da língua examinada, precede ou se segue linearmente a esse núcleo. Linearizações de especificador à direita de um núcleo constituem, porém, um ponto controverso no estágio atual de estudos formais em sintaxe. A título de exemplo, temos que, em línguas como o português e o inglês, o agente ocupa a posição de especificador e precede todo o restante do sintagma verbal.

⁶ A representação dos dados é feita aqui na escrita utilizada pelos Ticuna do lado brasileiro.



podem ser identificadas estruturas que tanto servem a nomes como a verbos, isto é, estruturas que - como ([pe + ātchi], [nha + ātchi], ([dawenü + ātchi] (respectivamente relativas a *um dormir, um correr, um olhar de curta duração*) e ([bua+cü'ü] (referente a *balançante ou um balançar repetitivo e rápido*) - não trazem em si a sua própria identificação categorial. Confira-se a seguir⁷:

(1) a. **pe-ātchi**

dormir-DURAÇÃO CURTA, LIMITADA

'cochilar/cochilo, soneca'

b. **ni-pe-ātchi**

ga Tcho'e⁸

3P-dormir- DURAÇÃO CURTA, LIMITADA x

'Tcho'e tirou uma soneca/cochilou'

c. **nha-ātchi**

fugir- DURAÇÃO CURTA, LIMITADA

'corridinha'

d. **ni-nha-ātchi**

3P-fugir- DURAÇÃO CURTA, LIMITADA

'ele deu uma corridinha'

e. **ni-dawenü-ātchi**

3P-olhar- DURAÇÃO CURTA, LIMITADA

'ele deu uma olhadinha'

(2) a. **bua-cü'ü**

ya ngu' e

?- AÇÃO REPETITIVA E RÁPIDA

x canoa

'canoa que balança (canoa balançante)'

b. **bua-cü'ü**

ya naita

?- AÇÃO REPETITIVA E RÁPIDA

x tronco

'tronco que balança (tronco balançante)'

c. Tchama tcha-ya-**bua-cü'ü**

1PS

1PS- OI⁹ ?- AÇÃO REPETITIVA E RÁPIDA

'Eu o balancei'

⁷ As estruturas acategoriais encontram-se negritadas.

⁸ Nome de ser mitológico.

⁹ OI = objeto interno. Assim como os clíticos objetivos, o morfema de objeto interno é característico da ordem superficial SVO. Os clíticos aparecem imediatamente à esquerda do verbo, recebem marca de caso e são sempre co-referenciais a um aparente sintagma nominal complemento. Clíticos e morfema de objeto interno podem procurar livremente por seu antecedente.



d. Cuma cu- ya-bua-cü'ü
2PS 2PS- OI- ?- AÇÃO REPETITIVA E RÁPIDA
'Você o balançou'

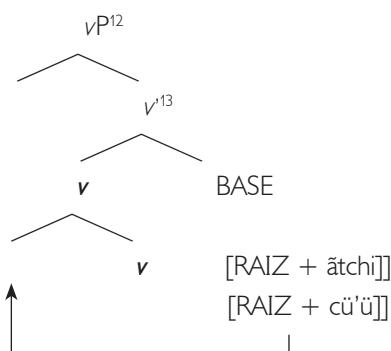
e. Numa na-ya-bua-cü'ü
2PS 3P- OI- ?- AÇÃO REPETITIVA E RÁPIDA
'Ele o balançou'

Como os dados evidenciam aqui que os sufixos **-ātchi** 'duração curta, limitada' e **cü'ü** 'ação repetitiva e rápida' integram uma estrutura acategorial, o molde sintático para a obtenção, por exemplo, de um verbo a partir dessa estrutura incluirá necessariamente um *pequeno verbo* (*v*) fonologicamente nulo, tal como se vê abaixo na configuração em (A)¹⁰. Derivacionalmente, um momento sintático posterior fará com que a estrutura acategorial presente em (A) - [RAIZ + **ātchi**] ou [RAIZ + **cü'ü**] - seja adjungida¹¹ ao *pequeno verbo* (em movimento obrigatoriamente para a esquerda) (B).

(A) Molde para a obtenção da categoria verbo a partir de uma base acategorial:

[*v* (fonologicamente nulo) [RAIZ + **ātchi**]]
[RAIZ + **cü'ü**]]

(B) Adjunção da base acategorial ao *pequeno verbo*



¹⁰ De (A) a (D) encontram-se configurações sintáticas (expressas por meio da utilização de colchetes ou de diagramas arbóreos). Aquelas em que foram utilizados colchetes constituem aqui estruturas modelares de base e a elas aplicou-se o termo *molde*, uma opção de tradução para *template*, um termo do inglês tecnicamente presente em textos de Lingüística e ao qual se atrela a idéia de configuração. Com relação aos diagramas arbóreos apresentados, esses revelam não somente uma estrutura de base, mas também a operação sintática que se aplica a essa estrutura.

¹¹ A operação de adjungir (ou adjunção) faz com que um termo, em uma configuração sintática, seja incorporado a uma estrutura sintagmática já existente: o adjunto está no mesmo nível de uma estrutura sintagmática e, ao mesmo tempo, é um subsegmento dessa última (o que é formalmente identificado através de um nódulo dobrado).

¹² VP = sintagma do *pequeno verbo*.

¹³ *v'* = projeção verbal intermediária.

Noções aspectuais verbalizantes

A característica dos sufixos **-ü**¹⁴ ‘continuativo’¹⁵ e **-etcha** ‘habitual’¹⁶ ¹⁷ é a de serem encontrados apenas em uma estrutura verbal, o que faz com que possam ser considerados como possuindo um traço categorial verbalizante. O sufixo **-ü** leva à interpretação de continuidade, de longa duração de um evento/estado cujo término permanece em aberto. Já **-etcha** indica uma situação que ocorre sempre. Vejam-se os dados¹⁸:

(3) a. na-pe-ü

3P-dormir-CONTINUATIVO

‘ele dorme/dormiu continuamente’

b. Bucú	na-pe-ú	i	napa	wa
menino	3P-dormir- CONTINUATIVO	x	rede	LOCATIVO
'O menino dorme/dormiu na rede continuamente'				
'O menino continua/continuou a dormir'				

c. na-tchibü-ñ
3P-alimentar/comer- CONTINUATIVO
'continua/continuou a se alimentar/comer'

d. na-powae -ü
3P-pescar- CONTINUATIVO
'ele ainda está pescando, ele continua/continuou a pescar'

(4) a. tcha-goe-etcha

1P-torrar massa- HABITUAI

'eu vivo torrando massa'

b. tcha-powae-etcha

¹⁴ O sufixo em questão possui tom baixo.

¹⁵ O aspecto continuativo adiciona o elemento semântico 'ainda'.

¹⁶ O aspecto habitual descreve uma situação característica de um período extenso de tempo (cf. Comrie, 1976, 27f; Cinque, 1999, p. 90-91).

¹⁷ Em termos interlíngüísticos, o aspecto habitual é o mais 'alto' de todos os aspectos, o que faz com que tenda a ser indicado por meio de flexão ou através de morfemas gramaticais livres (como auxiliares). Há, no entanto, exceções, como é o caso do Aleúte, língua em que todos os aspectos são expressos derivacionalmente, incluindo-se o aspecto habitual (cf. Cinque, 1999, p. 195, nota 50).

¹⁸ Os sufixos aspectuais verbalizantes aparecem aqui negritados.



1P-pescar [com vara]-HABITUAL

'eu vivo pescando'

c. tcha-tchibü-**etcha**

1P-alimentar, comer-HABITUAL

'eu vivo comendo/me alimentando'

d. i-tcha-nha-ătchi-**etcha**

PROGRESSIVO-1P-fugir- DURAÇÃO CURTA, LIMITADA-HABITUAL

'eu sempre estava dando uma corridinha'

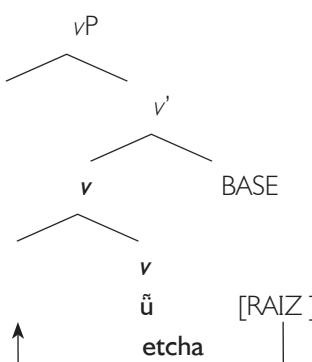
Considerando-se que os sufixos aspectuais – **ü** 'continuativo' e – **etcha** 'habitual' apresentam um traço categorial verbalizante, o molde sintático que dá conta da estrutura verbal em que aparecem revela-os como a própria manifestação da categoria *pequeno verbo* (v). Ou seja, eles estão nesse papel, tal como se vê em (C) a seguir, sendo que um momento derivacional posterior fará com que a raiz verbal seja adjungida a v (também em movimento obrigatoriamente para a esquerda) (D).

(C) Molde para a obtenção da categoria verbo a partir de sufixo aspectual no papel de pequeno verbo:

[v (ü) [RAIZ]]

[v (etcha) [RAIZ +]]

(D) Adjunção da raiz ao *pequeno verbo*



Uma evidência para a projeção Aspecto

A partir da constatação de que, em Ticuna, determinados sufixos aspectuais podem-se agregar à raiz para constituir uma base acategorial (como –ătchi 'duração curta, limitada' e -cü'ü 'ação repetitiva e rápida') e de que outros sufixos aspectuais podem ter a propriedade de verbalizador (constituindo uma categoria funcional *pequeno verbo*, como – **ü** 'continuativo' e – **etcha** 'habitual'), impõe-se a questão de se haveria lugar, na gramática do Ticuna, para uma projeção Aspecto propriamente dita. No âmbito da gramática da língua, a resposta é sim, se levarmos em conta alguns fatos.



Na língua, há um morfema (*i-*) que, cobrindo o aspecto progressivo¹⁹, antecede o prefixo pessoal subjetivo e ocorre na margem esquerda do verbo. Esse morfema não entra em composição com a raiz (está afastado dessa última) e é combinável a um verbo já categorizado como tal. Esse mesmo morfema pode conviver com sufixos aspectuais, sejam esses últimos parte de uma estrutura acategorial ou expressão de um *pequeno verbo*²⁰. Apresentamos a seguir dados que apóiam a presença de uma projeção Aspecto propriamente dita em Ticuna²¹:

A ordem linear do prefixo verbal em causa é ASP (aspecto progressivo) – Pessoa – V, sendo que a projeção Aspecto estaria acima, em termos de uma hierarquia sintática, da projeção do *pequeno verbo*. Uma hipótese sustentável é a de que o chamado prefixo *i*-(aspecto progressivo) é, na realidade, um núcleo sintaticamente separado do verbo e a ele se cliticiza em termos fonológicos²².

Estando a análise aqui proposta no caminho correto, são as seguintes, então, as possibilidades de materialização de nocões aspectuais em Ticuna:

Núcleo da projeção ASP	Verbalizador (v)	Parte de uma estrutura acategorial
i progressivo	- Ú 'continuativo'	-ătchi 'duração curta, limitada'
	-etcha 'habitual'	-cü'ü 'ação repetitiva e rápida'

Quadro 1- Ticuna: materialização de noções aspectuais

¹⁹ O aspecto progressivo (abreviado na análise dos dados como PROGR) marca uma atividade em curso e é incompatível com estados (**He is knowing that we like him*) (Cinque, 1999, p. 83).

²⁰ Veja-se a propósito o dado (4c) acima, em que o prefixo de aspecto progressivo convive, em uma mesma forma, com outras noções aspectuais manifestadas por sufixos estruturalmente diferenciados (um lexicalizado e outro na condição de categoria funcional pequeno verbo).

²¹ O prefixo que cobre o aspecto progressivo encontra-se negrito.

²² Isso significa que não haveria movimento sintático do verbo para a projeção Aspecto.



Tempo

Ao que tudo indica, o Tempo em Ticuna possui escopo sobre a sentença, isto é, alguns elementos na sentença estão no escopo do Tempo, sendo que esses elementos não estão no verbo. Os dados em (6) mostram os elementos que se encontram regularmente ao alcance do Tempo:

(6) a. Dêiticos

	<i>Passado</i>	<i>Não-passado</i>
yeguma	'aquele tempo; quando'	ngeguma 'aquele tempo; quando'
yema/guma	'aquele' ²³	ngema 'aquele'
yea	'lá'	ngea 'lá'
yia/yima	'aquele'	
	(conhecido e estimado)	
yema	'lá; aquele lugar' ²⁴	ngema 'lá; aquele lugar'
		nhaā 'esse (coisa)'
		daa 'esse (pessoa)'
		nhumā 'agora'
		nuā 'aqui'

	<i>Passado</i>	<i>Não-passado</i>
Partículas	ga	i, a, ya
Conectivos ²⁵	yerü 'porque'	erü 'porque'
gana	conectivo que pode introduzir uma sentença nominalizada intepretada como objeto direto	na idem

c. Raízes

	<i>Passado</i>	<i>Não-Passado</i>
yii	'ser'	† 'ser'
yema		ngema
(na-yema 'havia')		(na-ngema 'há')
3P-lá		3P-lá

Em (6a), dêiticos estão no escopo do Tempo e, em (6b), partículas e conectivos. Em (6c), pode-se verificar que, além de se fazer presente em dêiticos, partículas e conectivos, o Tempo também pode alcançar algumas raízes que, com origem em dêiticos, pertencem a formas verbais. Alguns exemplos de sentenças Ticuna correspondentes a essas afirmações:

²³ Para os dêiticos yema/guma 'aquele', encontramos variação na altura da voz (*pitch*), sendo admitidas para esses itens lexicais as seqüências de altura baixa e extraalta (5-6) e extraalta-baixa (6-5).

²⁴ De acordo com os dados que temos, o dêitico referente a 'lá aquele lugar' é realizado com as alturas meio-alta e baixa (2-5).

²⁵ Esses conectivos introduzem sentenças nominalizadas.



(7) Natürü	yeguma	ye(ma)	na-taä-gu
Então, mas	naquele tempo/quando (PAS)	lá (PAS)	3P-jogar-LOC

ga guma norü woweru rü
x (PAS) aquele (PAS) 3P POSS flauta TOP

Mutchicutü-ű ni-nha
nome de um pássaro- "dativo"²⁶ 3P-transformar

(Mas quando lá ele (Yoi)²⁷ jogou aquela flauta dele, ela em Mutchicütü se transformou.)

'Mas quando ele (Yoi) jogou lá aquela sua flauta, ela se transformou em Mutchicutü.'

Os dados da língua apontam para uma situação em que se poderia postular um sintagma temporal (TP²⁸) que atuaria como operador sentencial. Uma possível representação da situação encontrada em nossos dados pode ser vista em (8) – onde T, no interior de um sintagma temporal (TP) é um elemento adjungido com escopo sobre a oração.

(8) TP como operador sentencial²⁹

(diagrama em árvore em sintonia com os dados da língua Ticuna)

* XP

11

TP XP

ENTRE A GRAMÁTICA E A CULTURA: QUESTÕES DE TRADUÇÃO CULTURAL

Na qualidade de operador sentencial, o Tempo em Ticuna atinge elementos que estão no interior de uma sentença. Conforme Soares (2005), mesmo sendo tratado como operador, o Tempo em Ticuna apresenta limites em termos de opções interpretativas – o que para uma teoria lingüística formal é algo bom, já que a teoria procura por restrições que prevejam o que é lingüisticamente impossível de ocorrer em qualquer língua. No caso do Ticuna, a interação possível de existir entre operadores coloca em relação o Tempo (operador) e marcadores epistêmicos (também operadores) (cf. Soares, 2007). Quando alcançado por um marcador epistêmico, o Tempo em Ticuna não tem a sua interpretação suspensa. O que ocorre, em casos como esse, é uma modalização que alcança uma seqüência, que, por sua vez, também é alcançada por um determinado Tempo. Na qualidade de operador, o Tempo em Ticuna também alcançará formas lingüísticas marcadas pela materialização de noções aspectuais.

Resultados da investigação voltada para as duas outras categorias funcionais mencionadas neste trabalho – o núcleo de Aspecto e o núcleo do pequeno verbo – revelaram que, em Ticuna, a noção de aspecto progressivo é abrigada no núcleo da

²⁶ “Dativo” é um rótulo arbitrário para esse morfema, que mantemos devido à história de nossa pesquisa. Seu significado nuclear é ‘benefatício’ e pode ser usado como marca de caso no objeto.

²⁷ Yoi é o herói mítico criador de todos os Ticuna. Esse nome pronuncia-se como [dʒɔi?i] (3-1) ou [dʒɔi?i] (3-2).

²⁸ TP são iniciais de *Tense Phrase* ‘sintagma temporal’.

²⁹ Na nossa representação de TP como operador em Ticuna, TP não se ramifica.



projeção Aspecto, mas que determinadas noções aspectuais – materializadas no verbo Tikuna como sufixos – seriam melhor tratadas no âmbito da projeção do *pequeno verbo* ou *v-zinho*. Nesse último caso, estão as noções de aspecto continuativo e aspecto habitual, que, em razão desse tratamento, se diferenciam das noções aspectuais relativas à duração breve/limitada e à ação repetitiva e rápida do evento (as quais se juntam a uma raiz, mas não são capazes de categorizá-la).

Do ponto de vista do que interessa estritamente à Lingüística, a verificação de que determinadas noções aspectuais estariam associadas ao *pequeno verbo* apóia a possibilidade da dissociação de conjunto de propriedades/traços abrigados no próprio núcleo do *pequeno verbo*, ou seja, dissociação entre conjunto de propriedades semânticas e conjunto de propriedades transitivas³⁰. Já do ponto de vista do que é matéria de um terreno de interface entre Lingüística e Antropologia – e que, portanto, interessa à tradução cultural –, a verificação apontada nos leva diretamente a um ponto relevante para a interface entre as duas disciplinas: a dos significados especiais. Em outra oportunidade (Soares, 2000, p. 54), já havíamos chamado a atenção para a posição teórica que orienta a abordagem de significados especiais a partir da definição sintática de domínios de localidade³¹. Significados especiais presentes em expressões idiomáticas e também em raízes são encontrados no contexto sintático de outros elementos que estão no interior de um domínio de localidade, na medida em que tanto expressões idiomáticas quanto raízes são definidas como elementos cujos significados não são completamente determinados por seus traços gramaticais. Conforme Marantz (1997), a literatura lingüística argumenta conclusivamente a favor da identificação da fronteira de um desses domínios de localidade: o núcleo sintático que projeta agentes, ou seja, a categoria funcional *pequeno verbo* ou *v-zinho*. A consequência mais direta disso é que nada do que estiver hierarquicamente acima da categoria funcional *pequeno verbo* ou *v-zinho* poderá servir como contexto para significado especial de qualquer raiz abaixo dessa categoria. Assim, expressões idiomáticas em qualquer língua nunca incluirão, por exemplo, agentes fixos, isto é, argumentos externos (sujeitos), porque esses estão acima da categoria funcional em questão, não se fazendo presentes por exigências de uma raiz, mas por imposição de um núcleo funcional (o *pequeno verbo* ou *v-zinho*)³².

Levando em conta o que investigações lingüísticas apontam como fronteira de domínio de localidade para o estabelecimento de significados especiais para as línguas³³, acrescentemos tal fronteira ao que conseguimos verificar quanto às possibilidades de materialização de noções aspectuais em Ticuna.

Conforme o que se encontra no Quadro 1, o progressivo abriga-se em um núcleo aspectual sintaticamente separado do verbo, a esse último se cliticizando em termos fonológicos. Como núcleo aspectual, o progressivo é parte da projeção Aspecto, que ficaria acima da projeção relativa ao *pequeno verbo* ou *v-zinho*. Isso traz a expectativa de que nenhuma manifestação de aspecto progressivo venha, em Ticuna, a estar fixamente integrada a uma expressão que possua significado especial³⁴. E, de fato, isso se confirma nas produções lingüísticas em Ticuna a que tivemos acesso ou que foram por nós registradas.

Com relação aos sufixos aspectuais - **û** ‘continuativo’ e – **etcha** ‘habitual’, esses estão, pela análise efetuada, na condição de verbalizadores, isto é, constituem um *pequeno verbo*. A teoria prevê que as formas que se fazem

³⁰ A dissociação de propriedades abrigadas pelo *pequeno verbo* é uma possibilidade que, na literatura gerativa, se encontra em Arad (1999). Lembramos ainda que a propriedade da transitividade está na origem teórica do *pequeno verbo* (ver nota 3).

³¹ Essa posição teórica encontra-se em Marantz (1997).

³² Exemplos disso: no português tal como falado no Brasil, ‘pintar e bordar/pintando e bordando, pintar o sete/pintando o sete, jogar merda no ventilador’ são expressões idiomáticas, mas delas não é parte um agente, como ‘João’ em ‘João pintou e bordou’; ‘João pintou o sete’; ‘João jogou merda no ventilador’, porque ‘João’ (na qualidade de argumento externo) está impedido de ser parte de uma expressão idiomática.

³³ Evidentemente, não estão incluídas aqui as línguas artificiais.

³⁴ Na língua portuguesa, isso já seria possível, uma vez que o *pequeno verbo* se move para a projeção temporal (TP) – que também abrigaria noções aspectuais – e adjunge-se ao núcleo dessa última. Veja-se, a propósito, exemplos de (variação em) expressões idiomáticas: ‘matando cachorro a grito’; ‘comendo o pão que o diabo amassou’; ‘de grão em grão enchendo o papo’.



acompanhar desses verbalizadores podem integrar expressões idiomáticas em Ticuna, mas sob condição. Isso porque o domínio de localidade para a existência de significado especial coincide aqui com a fronteira do pequeno verbo. Mas, como nenhuma expressão idiomática poderá ser integrada por um agente fixo, pesará sobre qualquer raiz que se junte aos verbalizadores em questão, para formar uma expressão idiomática em Ticuna, a exigência de uma interpretação não-agentiva. Exemplos de possíveis integrantes de expressões idiomáticas na língua seriam raízes como **pe** 'dormir' e **tchibü** 'alimentar-se' – não-agentivas na língua e combináveis aos verbalizadores em questão.

Quanto aos sufixos aspectuais **-ātchi** 'duração curta, limitada' e **cū'ü** 'ação repetitiva e rápida', que integram estruturas acategoriais, esses estariam na condição de grandes fornecedores de expressões com significado especial, em que o significado do todo não é, digamos, o somatório dos significados das partes constituintes e em que domínio de localidade e imposições sobre a raiz (ou raízes) estariam respeitados. Um bom exemplo disso está na seqüência abaixo, escrita por um Ticuna e por ele traduzida para o português também na modalidade escrita³⁵. Nela, negritamos a forma portadora de significado especial:

Rü namawatař rü yeguma yema namawa na tchopetü ga ãñü rü nüütadau ganana powatchata rüüyiü ga anüpüta, rü itanayaü rü tana depüta, marütana depütawena nagutarü ūnue ga tücumaa'tchi tüüna ácunaü, rü inanguga ūnü nünata **cua'atchie** ga pawüärü tü...

Um dia saíram pelo caminho e viram formiga passaram no meio do caminho, mas entre meio dessa formiga teve um que tem seu dentes parece como anzolinho. As crianças juntaram os dentes das formigas. Aí pensaram, ainda não está completo seu arma de pesca. Eles-se **lemboram** de aranha, porque tem seu linha...

Na seqüência acima, um analista pode reconhecer, no que se encontra negritado em Ticuna, as formas **cua'** 'saber' e **-ātchi** 'duração curta, limitada'. No entanto, embora falantes nativos possam reconhecer tal segmentação, o significado resultante da combinação efetuada é outro. Trata-se de 'lembança/lembra'. A base acategorial resultante da combinação efetuada integra, no texto, uma forma verbal *-nünata cua'atchie* 'eles se lembraram dela'. Se fôssemos impor uma 'correção ortográfica' ao texto, 'correção' essa compatível com o que, enquanto lingüistas, sabemos da língua, a forma verbal em causa seria escrita *nüna tacua'atchie* 'eles se lembraram dela'. Para as questões de que estamos tratando, essa 'correção' (ou uma discussão sobre ela) não é, porém, imediatamente relevante. O que importa é que a base acategorial possui significado especial e se submete a condições lingüísticas para a sua constituição. De forma instigante – e aqui sobressai a tradução cultural –, tem-se que os Ticunas que participam, na qualidade de professores indígenas, de estudos sobre a sua língua e têm, de modo paralelo, a oportunidade de conscientemente comparar fatos de sua língua aos da língua portuguesa, vêm sistematicamente regularmente empregando **cua'ātchi** como forma do Ticuna correspondente ao português 'exemplo(s)'. Esse é um caso – entre outros possíveis – que aponta para uma "tradução" de aspectos de nosso mundo para o universo Ticuna. Aquilo que poderia ser uma lista de fatos exemplificadores de uma análise de elementos em apresentação argumentada sobre língua portuguesa para falantes de Ticuna (e que estaria consubstanciado na palavra do português exemplo(s)) é visto – tudo leva a crer – pela ótica nativa como matéria do que está no domínio da memória, isto é, *lembra*.

Encerramos este artigo com a observação de que o estudo de significados especiais possuídos por determinadas expressões lingüísticas é um bom caminho para entender ou buscar entender questões de tradução/interpretação não-

³⁵ Na tradução efetuada para o português, mantemos a grafia e a pontuação colocadas pelo autor indígena (Raimundo Pinto Bitencourt). Também não realizamos aqui intervenções no modo como o mesmo escreve a sua língua.



etnocêntrica. Fizemos (e fazemos) esse exercício por meio da teoria e da análise lingüística, porque acreditamos ser esse um caminho viável para se chegar ao campo da produção de sentido e, ainda, para se lidar com a materialidade dos discursos que se atravessam entre culturas.

REFERÊNCIAS

ADGER, D. **Core syntax. A minimalist approach.** Oxford: Oxford University Press, 2003.

ARAD, M. On "little v". **MIT Working Papers in Linguistics**, Cambridge, n. 33, p. 1-25, 1999.

BORER, H. The morphology-syntax interface. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds). **Morphology**. London: Basil Blackwell, 1998.

CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.) **Ken Hale. A life in language**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001. p. 1-52.

CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D. and URIAGEREKA, J. (eds.) **Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000. p. 1-59.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. **MIT Occasional papers in Linguistics**, Cambridge, n. 15, p.1-56, 1998.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995. 426 pp.

CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K. and KEYSER, S. J. (eds). **The view from building 20**. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 1-52.

CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory, **MIT Occasional Papers Linguistics**, Cambridge, n. 1, 1992.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads. A cross-linguistic perspective**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

HAEGEMAN, L. **Introduction to government and binding theory**. Oxford: Blackwell, 1994.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (eds). **Phrase structure and the lexicon**. Dordrecht: Kluwer, 1996. p. 109-137.

LEMLE, M. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. **Revista Letras**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 58, p. 279-324, 2002.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (eds.). **Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium. Upenn Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, 1997. p. 201-225.

PEIXOTO, J. dos S. **Núcleos funcionais em línguas da família Pano. Uma abordagem minimalista**, 2007. 214 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SOARES, M. F. "Aspects de la modalité épistémique en ticuna". In: GUENTCHÉVA, Zlatka & LANDABURU, Jon (eds.). **L'énonciation médiatisée II. Le traitement épistémologique de l'information: illustrations amérindiennes et caucasiennes**. Louvain – Paris: Éditions Peeters, 2007. p. 219-240.

SOARES, M. F. Da representação do Tempo em Tikuna. In: CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. D. (Orgs.) **Novos Estudos sobre Línguas Indígenas**. Editora da Universidade de Brasília: Brasília, 2005. p. 153-167.

SOARES, M. F. Variação e análise paramétrica: algumas possibilidades de estudos em línguas indígenas brasileiras. **Revista Gragoatá**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 9, p. 45-65, 2000.

Recebido: 04/10/2007

Aprovado: 22/02/2008

